

Apresentação do Dossiê

AFROCENTRICIDADE, ANCESTRALIDADE, ALTERIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PROMOÇÃO DE PEDAGOGIAS DECOLONIAIS

AFROCENTRICITY, ANCESTRY, OTHERNESS, AND THEIR CONTRIBUTIONS TO
THE PROMOTION OF DECOLONIAL PEDAGOGIES

AFROCENTRICIDAD, ANCESTRALIDAD, ALTERIDAD Y SUS CONTRIBUCIONES A
LA PROMOCIÓN DE PEDAGOGÍAS DECOLONIALES

Alder de Sousa Dias¹

<https://orcid.org/0000-0003-0996-0000>

<http://lattes.cnpq.br/9065211816414800>

Cristiane do Socorro dos Santos Nery²

<https://orcid.org/0000-0002-1323-6069>

<http://lattes.cnpq.br/4754278141188631>

João Paulino da Silva Neto³

<https://orcid.org/0000-0001-5765-875X>

<http://lattes.cnpq.br/9426257687412788>

María del Rocío Echeverría González⁴

<https://orcid.org/0000-0003-1571-8026>

Tiago Tendai Chingore⁵

<https://orcid.org/0000-0001-8227-1637>

<http://lattes.cnpq.br/0255734111704714>

¹ Pós-Doutor e Doutor (PPGED/ICED/UFPA) e docente do referido Programa. Pesquisador da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia e filiado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. *E-mail:* alderdias@ufpa.br

² Professora na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e no PPGED/ICED/UFPA. Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Líder do Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Educação Intercultural em Ciências da Natureza e Matemáticas (GECIM). *E-mail:* crisnery@unifap.br

³ Pós-Dr. em Filosofia. Dr. em Antropologia. Mestre em Pedagogia. Licenciado em EJA. Professor/ UFRR/Brasil. Líder do GP Fronteiras e Alteridades (CNPq). Membro da AFyL. *E-mail:* joao.paulino@ufr.br

⁴ Centro de Investigaciones Económicas, Administrativas y Sociales – Instituto Politécnico Nacional (CIECAS-IPN), México. *E-mail:* roxio.echeverria2@gmail.com

⁵ Pós-doutorado na UEPA-Brasil, Doutorado em Filosofia na Universidade Pedagógica. Com Estágio Avançado Doutoral Sandwich em Filosofia pela UFC-Brasil. Docente na Universidade Licungo, Faculdade de Letras e Humanidades. *E-mail:* tchingore@unilicungo.ac.mz

RESUMO: O presente texto apresenta o dossiê homônimo ao seu título. Surge de uma demanda por pesquisas a interseccionar temas presentes no cotidiano de povos e comunidades – inclusive as tradicionais – mas que são comumente negadas e invisibilizadas pelo modelo hegemônico de ciência, próprio do sistema-mundo moderno-colonial. A partir de um diverso leque de referencial teórico, o dossiê contribui de maneira original e potente na produção de uma ciência “outra” e reforça o surgimento e manutenção de pedagogias decoloniais. Em linhas gerais, apresentam temas teóricos a tratar de alteridade, democracia, concepções de educação e de avaliação, mas também traz consigo temas de educação indígena, educação antirracista, educomunicação, educação intercultural em contexto universitário, além de estudos de levantamento de produções científicas sobre afrocentricidade, formação de professores para as relações raciais e inclusão.

Palavras-Chave: Afrocentricidade; ancestralidade; alteridade; pedagogias decoloniais.

ABSTRACT: This text presents the dossier of the same name. It arises from a demand for research that intersects themes present in the daily lives of peoples and communities – including traditional ones – but which are commonly denied and made invisible by the hegemonic model of science, characteristic of the modern-colonial world-system. Drawing on a diverse range of theoretical frameworks, the dossier makes an original and powerful contribution to the production of an "other" science and reinforces the emergence and maintenance of decolonial pedagogies. In general terms, it presents theoretical themes addressing alterity, democracy, conceptions of education and evaluation, but also includes themes of indigenous education, anti-racist education, media literacy, intercultural education in a university context, as well as studies surveying scientific production on Afrocentricity, teacher training for race relations, and inclusion.

Keywords: Afrocentricity; ancestry; alterity; decolonial pedagogies.

RESUMEN: Este texto presenta el dossier homónimo. Surge de la demanda de investigación que cruza temas presentes en la vida cotidiana de pueblos y comunidades, incluidas las tradicionales, pero que suelen ser negados e invisibilizados por el modelo hegemónico de ciencia, característico del sistema-mundo moderno-colonial. A partir de diversos marcos teóricos, el dossier realiza una contribución original y contundente a la producción de una ciencia "otra" y refuerza el surgimiento y la permanencia de pedagogías decoloniales. En términos generales, presenta temas teóricos que abordan la alteridad, la democracia, las concepciones de la educación y de la evaluación, pero también incluye temas de educación indígena, educación antirracista, educomunicación, educación intercultural en el contexto universitario, así como estudios que analizan la producción científica sobre afrocentrismo, formación docente para las relaciones raciales e inclusión.

Palabras clave: Afrocentrismo; ancestralidad; alteridad; pedagogías decoloniales.

INTRODUÇÃO

Este dossiê agrega 18 artigos científicos e a (co)autoria de 36 pesquisadoras, pesquisadores do campo intelectual e educacional, que compartilham experiências, reflexões

críticas e achados científicos que orbitam em torno do tema: *Afrocentricidade, ancestralidade, alteridade e suas contribuições para a promoção de pedagogias decoloniais*.

Sua abordagem provém de uma diversidade de territórios brasileiros, mas também de outros três países: Colômbia, México e Moçambique, que têm como unidade temática a polifônica enunciação decolonial, seja de uma expressão cultural africana, desde o Ubuntu, seja de uma manifestação latina, que grita por um mundo “outro”, como a Filosofia da Libertação, ou por meio de tantas outras formas.

Especificamente em relação ao Brasil, há artigos que são oriundos de todas as regiões formalmente instituídas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ou seja, envolve o Norte, o Nordeste, o Centro-Oeste, o Sudeste e o Sul do país, a envolver oito unidades federativas (Distrito Federal e estados): Amapá; Amazonas; Distrito Federal; Minas Gerais; Pará; Pernambuco; Roraima; e Santa Catarina.

Conta com a presença de 18 instituições, sendo a Escola Estadual Indígena Santa Rita (PE), a Universidad del Magdalena (Colômbia), a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade do Estado do Amapá (UEAP), a Universidade do Estado do Pará (UEPA), a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade Federal de Roraima (UFRR), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), a Universidade Licungo (Moçambique), o Centro Universitário Frassinetti do Recife (Unifafire), o Instituto Federal do Pará (IFPA) e o Instituto Politécnico Nacional (IPN-México).

Dada essa diversidade autoral, geográfica e institucional – muito para além de um ato retórico – dizemos que esse dossiê, abre espaço para narrativas plurais, a fortalecer epistemologias insurgentes e práticas educativas que rompam com o paradigma hegemônico e valorizam a diversidade sociocultural como potência formativa.

Não sem motivo, algumas premissas-força (Abreu, Almeida e Pereira, 2023) podem ser encontradas nesses artigos, quais sejam: alteridade; amazônias; ancestralidade; avaliação contra-hegemônica; contributos filosóficos ancestrais africanos e maias; educação antirracista; educação inclusiva; educação indígena; enunciação; interculturalidade; pedagogias decoloniais; relações raciais; territórios bioculturais, além de muitas outras.

A ênfase nessa temática se dá porque reconhecemos que o sistema-mundo moderno-colonial opera predominantemente pela lógica unívoca (Dussel, 2021), que, abstrata e precisa, não leva em conta as alteridades que marcam as materialidades dos povos que ocupam todos os

quadrantes do planeta, e mesmo territórios “mais locais”, como uma Amazônia brasileira, e dentro dela, as amazônias amapaense, paraense, roraimense, tocantina, etc.

Ao contrário, essa lógica da univocidade define como que fazendo um “comunicado” sobre *o que é e o que deixa de ser*. E, nesse caso, tendendo à autorreferência em relação ao modelo cultural que a gerou, criando como epifenômeno um etnocentrismo oriundo do norte (global e metafórico) (Santos, 2010), que se inicia com sua fase eurocêntrica, mais que atualmente abarcar outros macroterritórios, como os EUA. O fato é que, de qualquer modo, não deixa de ser fechado em si mesmo.

A IDEIA-CHAVE A PARTIR DA QUAL ABORDAMOS O TEMA DO PRESENTE DOSSIÊ

Exatamente por esse motivo, levamos em consideração que desde os primórdios da existência humana, diferentes povos têm se relacionado com a natureza e produzido uma incomensurável riqueza cultural. Essa diversidade se desdobrou em múltiplas expressões — desde complexos sistemas civilizacionais e modelos econômicos até processos de conflito, dominação e reconfiguração geopolítica, frequentemente marcados pelo uso da força. Contudo, apenas com a invasão europeia dos territórios posteriormente denominados americanos — em referência ao navegador Américo Vespúcio — e sobre o continente africano, que se operou uma inflexão histórica significativa. A Europa, então, converteu o saque colonial em capital acumulado, projetando-se à condição de epicentro do sistema-mundo, cuja estrutura até aquele momento permanecia fragmentada em esferas inter-regionais de poder e influência (Dussel, 2021).

Dessa centralidade, surge uma característica nociva que reside na negação sistemática de modos de vidas e de suas respectivas manifestações culturais — abrangendo dimensões macrossociais como sistemas econômicos, relações de gênero, manifestações religiosas, processos educativos, entre tantos outros.

No decorrer do século XX, consolidou-se, em diversos contextos sociais, um movimento de descolonização epistemológica no âmbito acadêmico e intelectual que oportuniza, no tempo presente, enunciações das alteridades negadas ao longo de mais de cinco séculos de hegemonia eurocêntrica (Dussel, 2020).

Esse é o mote pelo qual emergem perspectivas praxiológicas como a Afrocentricidade e o Giro Decolonial, cuja tessitura teórica e política propõe não apenas a transformação das estruturas sociais, mas também uma ressignificação profunda da noção de sujeito e de seus

plurais – e igualmente legítimos – modos de produção da existência. Trata-se de um reposicionamento do ser humano – em todas as suas dimensões, inclusive a epistemológica, que convoca para a luta e a produção de paradigmas “outros” de leitura do mundo, cuja pretensão é superar a lógica homogeneizante de origem eurocentrada.

Nesse horizonte, ganham visibilidade os processos educativos que evocam a alteridade como potência crítica e criadora, articulando novas formas de perceber e reconhecer as experiências históricas, culturais e simbólicas dos povos africanos, afro-brasileiros e originários, cuja trajetória constitui os alicerces da diversidade sociocultural brasileira, e, conseqüentemente, contribuem para uma descolonização das ciências (Dussel, 2025), inclusive em vista de uma pesquisa decolonial em Educação (Dias, 2023), que vise o alcance da utopia freiriana conhecida como unidade na diversidade (Freire, 1997), em vista de coexistência horizontal de narrativas socioculturalmente diversas (Krenak, 2022), pois é preciso avançar para reconhecer pedagogias “outras”, ou, como temos defendido: pedagogias decoloniais, que são pedagogias que considerem positivamente a alteridade e a diversidade sociocultural que marca o gênero humano em qualquer território que ocupe, a valorizar o “sul” geopolítico e cultural, mas em diálogo crítico de subsunção com o “norte”. São práxis de engajamento ético-político que surgem de desdobramentos decoloniais presentes nas experiências político-emancipatórias do povo organizado, cujo ponto de partida praxiológico é a realidade concreta em vista da transformação social em um mundo transmoderno, tendo o povo como sujeito pleno de história, de ontologia, de valores, de aprendizagens e produtor de cultura.

Pedagogias decoloniais, nesse sentido, demandam uma ressignificação do ato pedagógico, não se restringindo apenas ao espaço escolar, mas abrangendo-o para todo e qualquer espaço social em que se ensina-aprendendo, desde formas de resistir, lutar e criar, a formas mais sistematizadas e metodizadas de produtos culturais – tendo por parâmetro o diálogo aberto com a cultura produzida pela humanidade e considerando, visceralmente, o local de enunciação dos sujeitos envolvidos.

De acordo com Dias, Oliveira, Abreu (2024), essa ressignificação do ato pedagógico, toma como imperativo pelo menos três ideias-força: a (re)tomada da autonomia intelectual docente – ante um modelo mercadológico tecnicista, centrado em competências e habilidades direcionadas para a manutenção alienada do sistema capitalista; o planejamento e currículo flexíveis; e uma avaliação qualitativa, a considerar a materialidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Imperativos esses, que dialogam e ao mesmo tempo são retroalimentados pelas ancestralidades alterativas, historicamente negadas, que provêm de uma diversidade afro, indígena, quilombola, ribeirinha, urbano-periférica, e de marcadores marcados pelo estereótipo da exclusão, como as pessoas atípicas ao modelo hegemônico, em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o tema: *Afrocentricidade, ancestralidade, alteridade e suas contribuições para a promoção de pedagogias decoloniais*, fazemos votos de que este dossiê contribua com a coprodução de um humanismo transmoderno, que, fundamentalmente ético, também seja intercultural, por isso mesmo, tolerante.

Sejam as nossas ciências meios de servir o povo e os dignificar em vista de sua realização para o “ser mais”, como já dizia Paulo Freire e que seja capaz de reconhecer narrativas plurais, a coexistirem horizontalmente. Contribuamos assim, para a sistematização de pedagogias decoloniais, que há tanto tempo vêm sendo negadas e invisibilizadas pela pedagogia hegemônica, de origem ideológica, mítica e romanticamente de moderna.

REFERÊNCIAS

ABREU, Waldir Ferreira de; ALMEIDA, Débora Renata Muniz de; PEREIRA, Alexandre Adalberto. Premissas-força para se pensar a Pesquisa Decolonial em Educação. **Interitórios: Revista de Educação**, Caruaru, v. 9 n. 18, e259001, p. 1-25, 2023.

DIAS, Alder de Sousa. Pesquisas decoloniais: em vista de práxis científicas “outras” em Educação. **Interitórios**, Caruaru, v. 9 n. 18, e259119, p. 1-30, 2023.

DIAS, Alder de Sousa; OLIVEIRA, Damião Bezerra; ABREU, Waldir Ferreira de. Contribuições da pós-graduação brasileira em educação às pedagogias decoloniais. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 31, n. 4, p. 1-24, out./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/20w/24620/13341>. Acesso em: 13 nov. 2025.

DUSSEL, Enrique. **Siete ensayos de filosofía de la liberación**: hacia una fundamentación del giro decolonial. Madrid: Editorial Trota, 2020.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia de la Liberación**: una antología. Mexico: Akal, 2021.

DUSSEL, Enrique. **Hacia una teoría de la modernidad/colonialidad**: la descolonización epistemológica. Mexico: Akal, 2025.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.).

Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.